

**A HISTÓRIA DA
MAÇONARIA NO BRASIL:
UMA ANÁLISE
APROFUNDADA DO RITO
DE YORK, SUAS ORIGENS,
DESENVOLVIMENTO E
PANORAMA ATUAL**

THE HISTORY OF FREEMASONRY IN BRAZIL: AN IN-DEPTH ANALYSIS OF
THE YORK RITE, ITS ORIGINS, DEVELOPMENT, AND CURRENT PANORAMA

Ciências Humanas • 13/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/791869778](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/791869778)

Eduardo Tiveron

RESUMO

O presente artigo constitui uma investigação exaustiva acerca da trajetória histórica da Maçonaria no Brasil, com ênfase primacial no Rito de York (ou Rito Americano), desde as suas origens basilares no final do século XVIII até ao seu notável florescimento na contemporaneidade. O problema central que orienta esta pesquisa radica na profunda e secular confusão historiográfica, bem como terminológica, que se instituiu no cenário maçônico brasileiro. Durante quase um século, o sistema de ofício inglês — consubstanciado primariamente no Ritual de Emulação — foi indevida e equivocadamente crismado de "Rito de York" por sucessivas administrações do Grande Oriente do Brasil, fato que obscureceu a autêntica prática do rito americano fundado por Thomas Smith Webb. O objetivo primordial deste trabalho é, por conseguinte, delinear a verdadeira gênese do Rito de York, documentar a sua introdução pioneira e efêmera no Brasil Imperial através de imigrantes estadunidenses, analisar de forma crítica o erro histórico de tradução que propiciou a usurpação da sua nomenclatura e, derradeiramente, mapear o seu vigoroso renascimento a partir do limiar do século XXI, assinalado pela introdução dos Corpos de Altos Graus e das Lojas Simbólicas sob a tutela das Grandes Lojas e Grandes Orientes estaduais. Por intermédio de uma rigorosa abordagem metodológica baseada em pesquisa histórico-documental e vasta revisão de literatura, os resultados evidenciam que, após décadas de hiato e entropia semântica, o autêntico Rito de York consolidou-se como uma das forças mais dinâmicas e crescentes da Maçonaria regular brasileira, apresentando uma estrutura ininterrupta que ascende das Lojas Simbólicas aos graus Capitulares, Crípticos e Cavalheirescos. Conclui-se que a distinção acadêmica incontestável entre o *Craft* inglês e o sistema americano revela-se imperativa para a correta apreensão da

sociabilidade e da evolução institucional da Maçonaria no Brasil, impactando a identidade de milhares de obreiros na atualidade.

Palavras-chave: Maçonaria Brasileira; Rito de York; Ritual de Emulação; História Maçônica; Lojas Simbólicas.

ABSTRACT

This article constitutes an exhaustive investigation into the historical trajectory of Freemasonry in Brazil, with a primary emphasis on the York Rite (or American Rite), from its foundational origins in the late eighteenth century to its remarkable flourishing in contemporary times. The central problem guiding this research is rooted in the profound and century-long historiographical and terminological confusion that was established within the Brazilian Masonic landscape. For nearly a century, the English craft system—primarily embodied in the Emulation Ritual—was improperly and mistakenly dubbed the "York Rite" by successive administrations of the Grande Oriente do Brasil, a fact that obscured the authentic practice of the American rite founded by Thomas Smith Webb. The primary objective of this work is, therefore, to outline the true genesis of the York Rite, document its pioneering and ephemeral introduction in Imperial Brazil through American immigrants, critically analyze the historical translation error that facilitated the usurpation of its nomenclature, and, finally, map its vigorous rebirth from the threshold of the twenty-first century, marked by the introduction of the High Degree Bodies and Symbolic Lodges under the tutelage of state Grand Lodges and Grand Orients. Through a rigorous methodological approach based on historical-documentary research and a vast literature review, the results demonstrate that, after decades of hiatus and semantic entropy, the authentic York Rite has consolidated itself as one of the most dynamic and growing forces of regular Brazilian Freemasonry, presenting an uninterrupted

structure that ascends from Symbolic Lodges to Capitular, Cryptic, and Chivalric degrees. It is concluded that the indisputable academic distinction between the English Craft and the American system proves imperative for the correct apprehension of the sociability and institutional evolution of Freemasonry in Brazil, impacting the identity of thousands of craftsmen today.

Keywords: Brazilian Freemasonry; York Rite; Emulation Ritual; Masonic History; Symbolic Lodges.

1. INTRODUÇÃO

O estudo do fenómeno maçónico no Brasil encontra-se invariavelmente entrelaçado com a própria edificação sociopolítica do Estado nacional, permeando eventos cruciais que medeiam desde os movimentos nativistas e as lutas pela Independência até aos embates que culminaram na Proclamação da República¹. Historiadores de escol demonstram que as primeiras manifestações de sociabilidade maçónica regular no país remontam ao despontar do século XIX, exemplificadas pela fundação da Loja *Reunião* em 1801, no Rio de Janeiro, e pelo subsequente estabelecimento do Grande Oriente Brasílico (futuro Grande Oriente do Brasil - GOB) em 1822, sob a égide de figuras basilares como José Bonifácio de Andrada e Silva e o próprio Imperador D. Pedro I³. Contudo, a complexidade estrutural e filosófica desta antiga ordem fraternal exige uma exegese que transcenda a mera cronologia política nacional, demandando uma incursão profunda nas idiossincrasias dos seus variados ritos, rituais, práticas litúrgicas e sistemas de reconhecimento internacional.

O problema de pesquisa que norteia e justifica o presente artigo emerge de uma lacuna historiográfica severa e de uma confusão

semântica singular na história da Maçonaria latino-americana: o uso indiscriminado, anacrônico e historicamente equivocado da nomenclatura "Rito de York" para designar práticas maçônicas de matrizes litúrgicas e origens continentais completamente distintas⁴. Esta indefinição dogmática gerou, ao longo de mais de um século, uma compreensão manifestamente distorcida sobre o que efetivamente constitui a vertente americana da Maçonaria em contraposição à vertente inglesa no vasto território brasileiro. Como consequência deste equívoco terminológico, uma legião de obreiros e acadêmicos perpetuou a premissa errônea de que o Rito de York estaria intrinsecamente ligado ao modelo litúrgico londrino da pós-União de 1813⁴.

A contextualização deste fenômeno anômalo exige uma imersão detalhada nas correntes migratórias do século XIX, nas disputas diplomáticas entre potências maçônicas emergentes e nas fragilidades patentes da tradução de documentos oficiais que vieram a moldar as instituições fraternais no país⁴. Historicamente, a fundação e o desenvolvimento da Maçonaria regular no Brasil foram pautados pela hegemonia incontestável do Rito Escocês Antigo e Aceite (REAA) e do Rito Moderno (ou Francês)³. Estes ritos encontravam-se fortemente atrelados à intelectualidade europeia, ao pensamento iluminista, anticlerical e, posteriormente, positivista que circulava entre a elite imperial e a incipiente elite republicana³. A dita "Questão Religiosa" da década de 1870, que opôs proeminentes maçons a bispos católicos ultramontanos, cimentou o REAA como o veículo preferencial do ativismo político maçônico brasileiro³. No entanto, a influência anglo-saxônica, embora numericamente diminuída nos seus primórdios, desempenhou um papel insubstituível na diplomacia maçônica e no estabelecimento

de Lojas voltadas exclusivamente para súbditos britânicos e, mais tarde, imigrantes norte-americanos⁷. É precisamente neste delicado contexto periférico que o Rito de York — hodiernamente o sistema maçônico mais praticado no globo, congregando a esmagadora maioria da Maçonaria estadunidense — realizou as suas primeiras e tímidas incursões no Brasil¹¹. Infelizmente, estas incursões pioneiras viriam a ser ofuscadas e, de certo modo, apagadas da memória institucional devido a um erro crasso de interpretação documental que transferiu, indevidamente, o seu batismo para o *Craft* inglês, concretamente para o Ritual de Emulação⁴.

Diante deste cenário de obscuridade histórica e apropriação semântica indevida, justifica-se plenamente a prossecução de uma pesquisa aprofundada que resgate e restaure a historiografia correta da matéria. O esclarecimento acadêmico desta confusão secular não apenas retifica a literatura especializada, purificando as fontes de consulta, mas também fornece às centenas de Lojas Simbólicas atualmente ativas no Brasil uma âncora identitária e patrimonial precisa. Estudar a verdadeira história do Rito de York no Brasil significa compreender a evolução de um sistema estruturado de graus morais e filosóficos (desde as *Blue Lodges* até às Ordens Cavalheirescas) que influenciou indelevelmente o desenvolvimento moral da sociedade norte-americana e que, nas últimas três décadas, tem encontrado um terreno extraordinariamente fértil para a sua rápida expansão em todos os estados da federação brasileira, notadamente sob o pálio das Grandes Lojas filiadas à CMSB (Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil) e aos Grandes Orientes filiados à COMAB (Confederação Maçônica do Brasil)¹¹.

Os objetivos delineados para esta pesquisa afiguram-se, assim, múltiplos e ambiciosos. Primariamente, visa-se traçar a verdadeira

gênese do Rito de York nos Estados Unidos da América, explicitando as suas raízes na tradição dos "Antigos" e a sua organização por Thomas Smith Webb, distinguindo inequivocamente as suas práticas em relação ao ofício inglês (*Emulation Working*). Secundariamente, o artigo propõe-se a historiar a chegada das primeiras Lojas deste rito ao Brasil durante o século XIX (impulsionadas pela imigração confederada pós-Guerra Civil), o subsequente hiato institucional e a anatomia do grave equívoco terminológico protagonizado pelo GOB nas primeiras décadas do século XX. Por fim, procura-se analisar o vigoroso processo de restauração, estruturação e expansão demográfica do autêntico Rito de York no Brasil — englobando tanto as Lojas Simbólicas quanto os Corpos de Altos Graus (Real Arco, Crípticos e Templários) — desde os finais da década de 1990 até à exuberância do panorama atual.

A narrativa proposta fluirá, por conseguinte, de uma abordagem macro-histórica acerca das potências anglo-saxônicas globais para a micro-história das Lojas pioneiras no Brasil Império, culminando numa análise estatística e demográfica contemporânea. Desta forma, tenciona-se demonstrar convincentemente que o Rito de York no Brasil não constitui um fenómeno linear, mas sim uma trajetória acidentada que atravessou três fases distintas: uma introdução legítima, porém efêmera; um prolongado período de sequestro terminológico; e um portentoso renascimento estrutural no século XXI, o qual o consagra, presentemente, como uma das maiores, mais influentes e intelectualmente robustas forças da Maçonaria regular brasileira.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA OU REVISÃO DA LITERATURA

A revisão meticulosa da literatura concernente à história dos ritos e rituais maçônicos evidencia que a consolidação da Maçonaria especulativa contemporânea não decorreu de um processo homogêneo ou monolítico. Pelo contrário, resultou de séculos de cismas ideológicos, congregações institucionais e sucessivas reformas litúrgicas, ocorridas primordialmente nas Ilhas Britânicas e, posteriormente, reconfiguradas na América do Norte. Para compreender com exatidão a natureza ontológica do Rito de York e as suas desventuras em solo brasileiro, torna-se imperioso estabelecer, sustentado pelo estado da arte da historiografia maçônica, a distinção teórica estrutural entre a Maçonaria de Ofício Inglesa (*Craft Masonry*) e o sistema unificado de graus americanos (*American Rite* ou *York Rite*).

2.1. O Grande Cisma Inglês e as Raízes da Bifurcação Litúrgica

A narrativa histórica universalmente sufragada pelos acadêmicos maçônicos sinaliza o ano de 1717 como o marco fundador da Primeira Grande Loja, congregada em Londres e Westminster a partir da reunião de quatro lojas pré-existentes. Esta potência embrionária ficaria, décadas mais tarde, pejorativamente cristalizada na história sob o epíteto de "Modernos"⁴. No dealbar da sua existência, e como contramedida às sucessivas exposições públicas dos seus segredos — cujo zênite foi a publicação do compêndio *Masonry Dissected* (1730) por Samuel Prichard —, esta Primeira Grande Loja procedeu a deliberações polêmicas, implementando alterações profiláticas nos seus rituais⁴. Tais alterações envolveram a inversão e a transposição de palavras de passe e a supressão de determinados aspetos do cerimonial que remontavam às origens operativas, visando, assim, proteger a instituição contra o ingresso de impostores ou profanos infiltrados.

Esta amputação das tradições gerou um profundo e irreversível descontentamento entre os maçons mais ortodoxos. Muitos destes obreiros eram imigrantes irlandeses e escoceses, residentes na capital britânica, que se consideravam os guardiões dos costumes operativos inalterados⁴. Cientes daquilo que viam como uma heresia litúrgica por parte dos "Modernos", este grupo dissidente reuniu-se em 1751 para fundar uma potência rival, pomposamente autodenominada "Grande Loja dos Maçons Livres e Aceites da Inglaterra Segundo as Antigas Instituições" (conhecida simplesmente como a Grande Loja dos "Antigos")⁴. Sob a genialidade administrativa e a liderança intelectual do fervoroso irlandês Laurence Dermott, que redigiu a constituição *Ahiman Rezon* (1756), os "Antigos" acusavam os "Modernos" de apostasia⁴. Este monumental cisma na Maçonaria britânica perdurou por mais de sessenta anos. Durante este largo lapso temporal, o modelo tradicional dos "Antigos" provou ser de uma vitalidade ímpar, sendo exportado efusivamente para as colónias na América do Norte, transportado amiúde nos baús das Lojas militares itinerantes agregadas aos regimentos britânicos e irlandeses⁴.

A literatura especializada e os exames documentais são hoje categóricos ao asseverarem que o robusto sistema que viria a embasar o atual Rito de York nos Estados Unidos descende, de forma direta e ininterrupta, dos arcaicos e preservados rituais da Grande Loja dos Antigos de 1751¹¹. Este paradoxo histórico revela uma faceta singular: as *Blue Lodges* (Lojas Simbólicas) americanas atuais são, de facto, detentoras e perpetuadoras de uma prática litúrgica consideravelmente mais antiga do que os rituais ingleses unificados praticados em Londres na atualidade¹¹.

A pacificação nas fileiras da Inglaterra pátria apenas logrou materializar-se em 1813. Neste ano fatídico, o Duque de Sussex (então Grão-Mestre dos "Modernos") e o Duque de Kent (Grão-Mestre dos "Antigos") assinaram os Artigos da União, consolidando a criação da Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI)⁴. Para cimentar a concórdia, harmonizar os trabalhos e extirpar as discórdias, a GLUI instaurou a "Loja de Reconciliação" (1813-1816)⁴. Esta comissão de obreiros diplomáticos foi encarregue de fundir ambas as tradições num modelo ritualístico unificado, um meio-termo aceitável⁴. O resultado não foi um retorno puro aos tempos antigos, mas sim um novo constructo cerimonial que, deliberadamente, expurgou diversos acréscimos esotéricos (muitos dos quais haviam migrado para a América) e centrou a prática estritamente nos três graus simbólicos (Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom), relegando o grau do Real Arco à condição de mera extensão suplementar do Mestrado, desprovido de status de grau independente⁴.

Com o intuito de preservar e disseminar este novel sistema purificado — de forma absolutamente fiel, inalterada e mantida na oralidade estrita —, a GLUI fomentou a criação de Lojas de Instrução. Destaca-se, superlativamente, a fundação em 1823 da *Emulation Lodge of Improvement for Master Masons*⁴. Esta Loja de Instrução, sediada em Londres, assumiu o ônus de treinar os Oficiais das Lojas para a execução escorreita e mnemônica do ritual. O *Working* (Trabalho) por ela cristalizado ficou imortalizado como o Ritual de Emulação⁴. A GLUI, destarte, recusa liminarmente o conceito francês ou americano de "Ritos", adotando apenas o conceito de Trabalhos (*Workings*) das Lojas de Ofício, sendo o Ritual de Emulação o paradigma dominante, coexistindo pacificamente com outras variantes como *Stability*, *Bristol*, ou *Taylor's*⁴. O foco do Emulação

concentra-se, exaustivamente, na sobriedade moral, na geometria da sala governada por um Diretor de Cerimônias e na retidão das palavras não impressas⁴.

2.2. A Gênese do Rito de York e o Sistema Americano

Enquanto a Inglaterra do pós-União (1813) investia na poda e na contenção dos seus graus, restringindo a experiência maçónica à Loja Simbólica, do outro lado do Atlântico despontava um fenómeno eminentemente construtivo e agregador. O sistema que viria a ser mundialmente conhecido como Rito de York encontrou o seu grande organizador no erudito maçom estadunidense Thomas Smith Webb¹¹.

Nos estertores do século XVIII, a Maçonaria no continente norte-americano padecia de uma certa anarquia jurisdicional. Uma profusão de graus colaterais e ordens de cavalaria circulava de forma desgarrada. Em 1797, Thomas Smith Webb, valendo-se das bases filosóficas já propaladas por William Preston na Inglaterra, compilou, estruturou e publicou a sua *magnum opus*: o *The Freemason's Monitor, or Illustrations of Masonry*¹¹. Webb não se limitou a redigir um manual; ele sistematizou os ensinamentos, conferiu-lhes uma escada pedagógica contínua e formatou um corpo doutrinário progressivo que absorvia a tradição dos "Antigos" e lhe somava os saberes filosóficos capitulares e templários emergentes¹¹. É por mérito inalienável deste obreiro que o Rito Americano adquiriu a sua espinha dorsal¹¹.

A denominação "Rito de York" — adotada gradativamente no século XIX para agrupar estes Corpos — encontra as suas justificações morais numa lenda cara à tradição dos "Antigos": a crença de que a

primeira Assembleia Geral de Maçons Operativos em solo inglês teria sido convocada no ano de 926 d.C., sob os auspícios protetores do Príncipe Edwin, irmão do Rei Athelstan, na venerável cidade de York⁴. Apesar desta homenagem poética e nostálgica às Constituições Góticas, a historiografia é assertiva: o Rito de York (como sistema organizado de Altos Graus) não provém da cidade de York e carece de laços orgânicos com a Maçonaria inglesa atual; trata-se de um produto essencialmente norte-americano (*American Rite*)⁵.

Ao contrário do reducionismo britânico, a revisão da literatura evidencia que Webb delineou um sistema vasto e complementar¹³. O Rito de York norte-americano foi edificado sobre o pilar fundamental das *Blue Lodges* (Lojas Azuis Simbólicas dos graus 1, 2 e 3), acrescido de Corpos de Altos Graus interdependentes: os Capítulos de Maçons do Real Arco (Graus Capitulares 4º ao 7º), os Conselhos de Maçons Crípticos (Graus Crípticos 8º ao 10º) e as Comandarias de Cavaleiros Templários (Ordens Cavalheirescas que operam sob uma égide paramilitar e cristã)⁴. No Rito de York, o Real Arco não é apenas um apêndice, mas o zénite e a recuperação da Palavra Perdida, revelando o conhecimento que o Mestre Maçom procurava avidamente no terceiro grau²⁰.

2.3. O Estado da Arte no Brasil e a Historiografia do Equívoco

Ao transpor a análise para o domínio acadêmico brasileiro, o estado da arte acusa um historial de profunda desorientação. Autores clássicos do panteão literário maçônico do Brasil — notadamente William Almeida de Carvalho e o prolixo Kurt Prober — legaram contributos inestimáveis para a periodização da Maçonaria local, devotando largas obras às batalhas travadas contra o clero

conservador (a afamada Questão Religiosa de 1872 instigada por D. Vital e D. Macedo contra os maçons) e à ascendência incontestável do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito nas instâncias governamentais do Império e da República². Contudo, nos primórdios da historiografia brasileira, o estudo dedicado ao rito anglo-saxônico padeceu de um vácuo de rigor técnico, tratando indistintamente tudo quanto proviesse da língua inglesa sob a égide singular do Rito de York⁴.

Foi meramente nas derradeiras duas décadas, amparado por investigadores maçônicos contemporâneos como Kennoy Ismail e Joaquim da Silva Pires, que a confusão medonha entre o Ritual de Emulação londrino e o Rito de York americano começou a ser cientificamente esmiuçada, destrinchada e corrigida tanto na academia profana como na produção especializada⁴. Artigos revistos por pares publicados na REHMLAC (*Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña*) vieram corroborar o novel esforço para mapear as complexas engrenagens da regularidade, bem como a discrepância entre os ritos declarados e os rituais efetivamente praticados⁵. Tais estudos demonstram que as potências brasileiras se socorreram frequentemente do discurso de alinhamento internacional como instrumento de poder interno, propiciando aberrações documentais²⁴.

Em suma, a literatura corrente fundamenta a tese de que o estudo do Rito de York no Brasil não pode circunscrever-se à análise de um simples deslize de grafia, mas sim à demonstração empírica de como a ignorância das fronteiras rituais entre o puritanismo do *Craft* pós-1813 e a exuberância litúrgica e de Altos Graus do *American Rite* engendrou, no maior país católico da América do Sul, a peculiar situação de um rito ser batizado em nome de outro. É a elucidação

definitiva deste nó górdio que a presente pesquisa pretende, em definitivo, concretizar.

3. METODOLOGIA

O presente estudo inscreve-se no paradigma da pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, encontrando os seus fundamentos operativos precipuamente nos métodos de investigação histórico-documental, análise comparativa de liturgia e revisão bibliográfica sistemática. A vasta abrangência temporal e a intrincada malha conceitual atinentes à evolução de duas matrizes maçônicas diametralmente opostas num mesmo território requerem a triangulação de fontes primárias históricas e literatura acadêmica secundária para viabilizar a reconstituição fidedigna da cronologia institucional no Brasil.

Para a prossecução do levantamento e escrutínio dos dados historiográficos, procedeu-se à exumação e análise atenta de excertos e assentos constantes em documentos oficiais, pranchas e publicações periódicas veiculadas nos séculos XIX e XX. Entre o acervo compulsado avultam edições da imprensa profana e maçônica, como o afamado jornal *O Sete D'Abril* (com destaque para a reveladora edição de 7 de julho de 1835, onde se detecta uma das mais precoces menções ao "Rito de York" na grafia luso-brasileira para denominar o *Craft*), e, sobremaneira, os *Boletins Oficiais* editados pelo Grande Oriente do Brasil (GOB) e pelo dissidente Grande Oriente Unido (GOU) — particularmente as edições datadas de 1872, 1891 e 1896⁶. Tais registros permitiram a documentação cabal do estabelecimento das primeiras Lojas de língua inglesa na orla costeira brasileira e a fundação precoce das primeiras Lojas autênticas nos rituais da linhagem americana no interior do país.

Secundariamente, examinou-se a dinâmica sociopolítica dos tratados internacionais subscritos pelas potências, com incidência crítica no famigerado Tratado de 1912, pactuado entre o GOB e a Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI), o epicentro do equívoco vernacular da tradução documental⁴.

No escopo da avaliação atinente à expansão e renascimento contemporâneo do Rito, a investigação alicerçou-se no mapeamento institucional atual. Procedeu-se ao cruzamento de quadros estatísticos e listagens de filiação providenciadas publicamente através das grandes federações de potências regulares que laboram ativamente no Brasil: a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil (CMSB), onde relevam os contributos proeminentes da Grande Loja do Paraná (GLP) e congêneres; e a Confederação Maçônica do Brasil (COMAB), cujo modelo abarca entidades de peso como o Grande Oriente do Paraná (GOP)²⁶. O universo (população) deste segmento do estudo englobou as instituições que compõem estas potências, enquanto a amostragem delimitou-se à análise de Lojas Simbólicas específicas (tais como a Loja *Paranavaí N° 3647*, Lojas *Luzes do Arenito N° 150* e *Aarão N° 127*) e à estrutura apendicular dos Corpos de Altos Graus que se encontram indissociavelmente jurisdicionados ao Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, uma entidade basilar consagrada formalmente em 2001 e detentora de patente internacional¹³.

A recolha, sistematização e tabulação dos dados de índole documental e ritualística priorizaram, em todos os estágios, a explicitação das distinções litúrgicas, estabelecidas pela via da análise comparativa direta entre as rubricas cerimoniais — a saber, o confronto dialético entre os preceitos do Monitor de Webb (que rege o Yorkismo) e as prescrições mnemônicas da escola inglesa do Ritual

de Emulação⁴. Este rigor comparativo garante que todas as inferências hermenêuticas a respeito da disseminação física, material e ideológica do Rito de York no Brasil respeitem inteiramente o grau de exigência técnica imposto pelas ciências maçônicas modernas. A estruturação sequencial dos achados atendeu rigorosamente a um critério de progressão cronológica e maturação institucional, estratégia que logra pôr a nu as vicissitudes da evolução, as consequências nefastas do erro tradutório, bem como o vigor do subsequente ressurgimento estrutural e quantitativo da ordem sob escrutínio.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES OU ANÁLISE DOS DADOS

A exposição analítica e sistêmica dos resultados desta investigação revela um enredo fragmentado, multifacetado e indiscutivelmente fascinante acerca dos processos de penetração, aculturação e disseminação das correntes maçônicas anglo-saxônicas no Brasil. O arco histórico documentado pode ser dissecado em fases estanques, as quais transitam vertiginosamente entre a importação incipiente de maçons estrangeiros durante o período imperial e crises severas de tradução que geraram aberrações burocráticas, culminando, volvidos mais de cem anos, num alinhamento pujante e definitivo com os rituais da potência norte-americana nas derradeiras décadas do século XX e início do século XXI.

4.1. As Lojas Pioneiras de Língua Inglesa e o *Craft* no Império

Para compreender a cronologia maçônica no Brasil, deve recuar-se a um evento definidor da sua economia política: a vinda da Família Real Portuguesa para a colônia em 1808. O corolário imediato dessa transmigração da corte foi a Abertura dos Portos às Nações Amigas,

num decreto do então Príncipe Regente D. João que beneficiou sobremaneira a Coroa Britânica⁷. Esta abertura mercantil propiciou um influxo formidável e constante de comerciantes, diplomatas, engenheiros e marinheiros britânicos que aportaram e se estabeleceram em pólos portuários vitais como o Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Longe de casa e destituídos do seu convívio sociológico regular, estes expatriados trouxeram no seu âmago a necessidade de se congregarem fraternalmente.

Foi assim que se lançaram as sementes para a fundação de Lojas exclusivas para súbditos britânicos e obreiros anglófonos. A pioneira absoluta neste desígnio foi a emblemática *Orphan Lodge* (Loja Órfã), cujas colunas foram erguidas no Rio de Janeiro e cuja titulação aludia diretamente ao seu comovente isolamento e *status* solitário em paragens situadas abaixo da linha do Equador em toda a América do Sul (havendo apenas parca e incipiente atividade maçónica em Georgetown, capital da Guiana Inglesa)¹¹. Outras instituições notáveis que se lhe seguiram cimentaram esta presença: a *St. John's Lodge*, formalmente fundada em 21 de setembro de 1839 na capital do Império, e a longínqua *Southern Cross Lodge*, laboriosamente instalada na cidade do Recife em 15 de junho de 1856⁷.

É de crucial relevância pontuar, face aos objetivos deste estudo, que todas estas congregações pioneiras operavam em rigorosa observância das diretrizes exclusivas do sistema ritualístico inglês (*Craft Masonry*), fazendo uso de rituais e costumes sancionados pela Grande Loja Unida da Inglaterra na sua conformação pós-União (1813)⁴. Em suma, nenhuma destas respeitáveis oficinas possuía laços orgânicos, genéticos ou rituais com o verdadeiro Rito de York recém-estruturado por Thomas Smith Webb no hemisfério norte.

Ainda assim, ao introduzirem a ritualística em língua inglesa no seio de um Brasil até então monopolizado pelas influências francesas e escocesas, estas Lojas pavimentaram o infortunado caminho linguístico e cultural que mais tarde redundaria nas irreparáveis distorções terminológicas⁷.

Título Distintivo da Loja	Oriente de Localização	Período de Fundação Registrada	Sistema Ritualístico Praticado
<i>Orphan Lodge</i>	Rio de Janeiro, Província do RJ	Inícios do Século XIX	Maçonaria de Ofício Inglês (<i>Craft</i>)
<i>St. John's Lodge</i>	Rio de Janeiro, Província do RJ	Setembro de 1839	Maçonaria de Ofício Inglês (<i>Craft</i>)
<i>Southern Cross Lodge</i>	Recife, Província de PE	Junho de 1856	Maçonaria de Ofício Inglês (<i>Craft</i>)

Tabela 1. *Cronologia e localização das Lojas pioneiras de matriz anglo-saxónica no Brasil Imperial.*

4.2. A Chegada Efêmera do Verdadeiro Rito Americano (Rito de York)

Enquanto a presença britânica fluía pelos canais do comércio marítimo costeiro, o desembarque do autêntico Rito de York em solo brasileiro — isto é, as denominadas *Blue Lodges* laborando sob as prescrições do Monitor de Webb — possuiu motivações geopolíticas e dramáticas de índole substancialmente distinta. O fim da Guerra Civil Americana (1861-1865) despoletou um forte sentimento de desilusão no seio dos derrotados, levando a que um contingente

expressivo de famílias expatriadas do sul dos Estados Unidos (notoriamente compostas por veteranos confederados, muitos oriundos do estado do Alabama) migrasse maciçamente para a província de São Paulo, fixando-se no que se tornariam os polos colonizadores de Santa Bárbara d'Oeste e da atual cidade de Americana¹¹.

Na mesma quadra, a Maçonaria sediada na Corte Fluminense digladiava-se com cismas internos de poder e vaidade institucional. O Grande Oriente do Brasil sofria a fratura que originou o formidável Grande Oriente Unido (também alcunhado de Grande Oriente dos Beneditinos), presidido pelo combativo Grão-Mestre Joaquim Saldanha Marinho⁶. Animado por um espírito de internacionalização e vislumbrando potenciais alianças de amizade e força política com a vertente maçónica norte-americana (então já pujante em recursos e números), Saldanha Marinho emitiu, em 30 de novembro de 1872, a indispensável carta constitutiva para a fundação da mítica Loja *Vesper* no Rio de Janeiro⁶. Esta oficina detém o cobiçado título de primeira Loja a praticar formalmente o legítimo Rito Americano (ou Rito de York) em terras do Império do Brasil, tendo o seu processo fundador recebido o explícito reconhecimento externo e as bênçãos conselheiras da *Grand Lodge of Wisconsin* no ano de 1874¹². Embora a Loja *Vesper* se tenha debatido com falta de vigor, logrando uma vida efêmera e abatendo as suas colunas precocemente logo em meados de 1874, o seu ato constitutivo rasgou o véu, inaugurando as operações do verdadeiro Rito de York no país¹².

Em seu encalço, respondendo afirmativamente aos anseios de fraternidade e manutenção cultural da comunidade de imigrantes norte-americanos instalados profundamente no interior paulista, as colunas da notável *Washington Lodge* foram solenemente erguidas

a 19 de novembro de 1874, no incipiente povoado de Santa Bárbara d'Oeste¹¹. Esta loja não configurava um posto comercial de ingleses; era, isso sim, um autêntico bastião confessional do Rito de York puro no Brasil. Durante os poucos anos em que se mantiveram ativas, estas instituições pioneiras viabilizaram a prática das Lojas Azuis (*Blue Lodges*), as quais, refira-se, denotavam marcadas discrepâncias litúrgicas frente ao conservadorismo do *Craft* londrino⁴. O Rito Americano trazia no seu bojo a espetacularidade cênica; socorria-se de farta e exuberante dramaturgia; autorizava o uso de preleções extensas, pedagógicas e didáticas (muitas vezes guiadas pelos Monitores de Webb); e instituía o uso de paramentos idiossincráticos, sendo a cartola na cabeça do Venerável Mestre a indumentária icônica do seu poder régio⁴.

Entretanto, este prelúdio grandioso não obteve a longevidade desejada. O cisma das potências nacionais encontrou o seu desfecho e, aquando da reunificação institucional que ditaria a dissolução do Grande Oriente Unido e a sua imediata reabsorção pelo GOB no ano de 1883, as derradeiras Lojas originais do Rito Americano esvaíram-se, silenciaram os seus malhetes e deixaram de existir legalmente no plano obediencial regular, instaurando, de forma trágica para os estudiosos do rito, um hiato que duraria mais de cem anos na prática orgânica dos graus simbólicos do verdadeiro Rito de York¹³.

4.3. O Grande Equívoco Terminológico, as Traduções Falaciosas e o Tratado de 1912

Foi precisamente neste colossal vazio deixado pelo ocaso das Lojas de matriz norte-americana que emergiu um dos episódios mais surreais da história documental maçónica. O GOB, na ânsia de

capitalizar diplomaticamente e expandir os seus horizontes para abrigar sob o seu pálio irmãos anglo-saxónicos ou descendentes de súbditos de Sua Majestade, delineou o projeto de incubar na sua estrutura uma rede de lojas que trabalhariam, inequivocamente, no modelo britânico do Ritual de Emulação. A primeira pedra deste novo esforço foi o levantamento da *Eureka Lodge* N° 440, a 22 de dezembro de 1891, na praça do Rio de Janeiro⁶. Numa rápida sucessão, ergueram-se a *Duke of Clarence* N° 443 na Bahia (1892) e, na viragem do século, a respeitável *Morro Velho Lodge* nas prósperas terras mineiras, entre outras congregações (como a *Friendship*, a *Centenary* e a *Campos Salles*)⁶.

O paroxismo deste embate historiográfico atinge o seu clímax em meados do ano de 1912. Naquele momento histórico, a superpotência maçónica da América Latina, o Grande Oriente do Brasil, almejando blindar definitivamente o seu prestígio internacional e garantir o perene reconhecimento institucional e diplomático britânico para estas suas Lojas anglófonas, despachou emissários e consumou a assinatura de um tratado de altíssima relevância com a inflexível Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI)⁴. O intrincado documento oficial, rigorosamente redigido no idioma inglês pelas autoridades britânicas, estipulava a soberania e a jurisdição do GOB sobre o "*Grand Council of Craft Masonry in Brazil*" (isto é, um Grande Conselho que administraria a Maçonaria de Ofício no Brasil)⁴. No entanto, aquando do recebimento da minuta e da imperiosa necessidade de transcrever, averbar e publicitar as cláusulas na língua portuguesa através dos canais dos *Boletins* e estatutos do GOB, um abissal e monumental erro crasso de semântica institucional foi perpetrado⁴.

Os tradutores e dignitários brasileiros da época, numa pirueta de raciocínio presunçoso e movidos por uma dedução pautada no desconhecimento litúrgico dos meandros internacionais, constataram que a cidade histórica de York se situava na Inglaterra e que os maçons ingleses alardeavam ser oriundos da mais antiga e pura tradição (a tal dita *Ancient York Masonry*, reivindicada tanto por antigos como modernos num jogo retórico). Presumiram, num salto lógico fatal, que qualquer prática referente ao *Craft* inglês ou, em sentido lato, à língua inglesa, consubstanciava inexoravelmente a expressão litúrgica americana que já conheciam de oitiva. Destarte, extirparam a palavra "*Craft*" e gravaram o nome jurídico de "Grande Capítulo do Rito de York", assinando o atestado de óbito do rigor taxonómico⁴. E em 1935, com o aprofundamento das relações num Tratado de Aliança Fraternal (assinado por Peter Swanson e pelo Grão-Mestre Moreira Guimarães), a denominação consolidou-se irrevogavelmente¹⁹.

Este deplorável escorregão tradutório infetou e contaminou severamente praticamente toda a produção bibliográfica, litúrgica e legiferante da instituição durante décadas a fio. Ao longo de mais de noventa anos, reedições sucessivas e reimpressões de rituais do GOB que, por justiça fáctica, deveriam envergar orgulhosamente o dístico de "Ritual de Emulação" ou "Trabalhos da Maçonaria de Ofício Inglesa", continuaram a ser submetidas aos prelos ostentando, de forma descabida e inadequada, o rótulo de "Rito de York"⁴. Constituiu-se assim uma das maiores anomalias da Maçonaria universal: a imponente federação brasileira geria no seu portefólio dezenas (que atualmente ascendem a cerca de 150) de Lojas que se proclamavam sobranceiramente "do Rito de York", mas que, do ponto de vista cénico, da disposição geométrica dos Oficiais e do escrúpulo dogmático (tais como a proibição da leitura de rituais na

sala e o veto categórico a graus superiores dentro da Loja Azul), executavam, de forma rigorosa e lídima, o *Working* londrino da escola da Emulação⁴.

Como o notável pesquisador Kenngo Ismail tem vindo proficuamente a argumentar e a dissecar nos seus ensaios de revisão, a diferença e incompatibilidade entre os dois rituais afigura-se brutal e evidente perante a mais simples análise ocular da postura cenográfica. O labor de Emulação requer um silêncio monástico, demanda uma mnemônica absoluta para a dicção fluída de passagens, delega ao Diretor de Cerimônias o múnus exclusivo de movimentar, esquadrear e transportar de forma geométrica todos os oficiais da loja, exige que o Venerável trabalhe de cabeça destapada, adota paramentos negros sobriedade sem balandrau, enfatiza o uso dogmático de ferramentas operativas inglesas com profundo sentido ético (a régua de 24 polegadas determinando a medição moral e intelectual do tempo, o maço golpeando o egoísmo brutal, e o cinzel apontando a persistência no burilamento da intelectualidade face aos instintos cegos) e restringe estritamente o universo iniciático a três meros degraus⁴. Em oposição meridiana, o York puramente americano revela uma inclinação teatral magnética, ampara-se no desdobramento vertical numa profusão de Graus Superiores e é efusivamente liderado por ritos marciais governados pelo cargo de Marechal (*Marshal*), sem a sacralidade mnemônica opressiva dos rituais não impressos⁴.

Para dissipar de vez o emaranhado conceptual e fornecer ao leitor um quadro claro do diagnóstico litúrgico e material, apresenta-se a dissecção sintética e comparativa consubstanciada na Tabela 2:

Vetor Litúrgico e Cénico	O Autêntico Rito de York (Sistema Americano)	O Ritual de Emulação (Ofício Inglês erroneamente batizado)
Origem Histórica	Estados Unidos da América (Fomentado por Thomas S. Webb, a partir de 1797)	Inglaterra (Estipulado pela <i>Emulation Lodge of Improvement</i> , pós-1813)
Traje e Cobertura do V.M.	Uso mandatório da icônica Cartola preta pelo Venerável Mestre enquanto oficia.	O Venerável Mestre trabalha impreterivelmente de cabeça descoberta, despido de chapéus.
Cosmovisão dos Graus	Arquitetura progressiva com Corpos de Altos Graus interdependentes em continuidade (Capitular, Críptico e Cavalheiresco).	Visão puritana e restritiva: A essência reside unicamente nos três graus simbólicos puros. O Real Arco é meramente um anexo ou conclusão colateral.
Regência da Sala de Loja	O fluxo é orquestrado por um oficial denominado "Marechal" e privilegia-se o uso ostensivo de compridas preleções baseadas em <i>Monitores</i> . Permite-se frequentemente a leitura aberta.	A regência e a geometria orquestrada dos esquadrejamentos e deslocções no tapete cabem exclusivamente ao rigoroso "Diretor de Cerimônias". Foco na memorização impecável.

Tabela 2. *Síntese das discrepâncias fulcrais entre o sistema norte-americano (Rito de York) e as rotinas do Ritual de Emulação inglês impostas no Brasil sob falsa titulação.*

4.4. A Estruturação Cimeira dos Altos Graus e o Renascimento Yorkista (Séculos XX e XXI)

Se a Maçonaria Simbólica (*Blue Lodges*) amargou longo desaparecimento da sua vertente americana autêntica no Brasil na

transição para o século XX, o mesmo cruel destino colheu as tentativas iniciais e avulsas de implantação dos respectivos Corpos de Altos Graus (as esferas de aprofundamento esotérico do Rito de York). Sabe-se por registos fragmentários que movimentações falhadas e abortadas ocorreram num efêmero Capítulo em 1913¹⁹. Contudo, a historiografia pormenorizada demonstra inequivocamente que o formidável e irreversível renascimento do Rito de York puro em solo brasileiro — o virar da página que redimiria o rito da sua usurpação nominal — principiou paulatinamente na fulgurante década de 1990 e alcançou a sua fulgurante maturidade institucional na aurora do século XXI¹³.

Curiosamente, a reintrodução materializou-se a partir da cúpula, num movimento *top-down* (dos altos graus para a base simbólica), impulsionado pela sede de obreiros que já eram Mestres e que repudiavam os dogmas dos Supremos Conselhos do REAA. Em 1993, uma célula formidável de maçons idealistas e empreendedores fundou, no estado do Paraná, o *Capítulo Jerusalém de Maçons do Real Arco*, o qual, pelas agruras da burocracia, viria a conhecer uma existência fugaz¹³. Sem embargo, as sementes haviam germinado. Naquele mesmíssimo ano, o ímpeto organizativo logrou fundar na bacia do Rio de Janeiro o afamado *Capítulo José Guimarães Gonçalves de Maçons do Real Arco*, o qual viria, com estoicidade e denodo, a obter a sua Carta Constitutiva definitiva e formal em 1997 da potência-mãe estadunidense¹³. O incontornável marco divisório que sacramentou este apoteótico esforço pioneiro consolidou-se a 24 de maio de 2001. Nessa data dourada, detendo Carta Patente emanada diretamente e de forma inquestionável pela autoridade do *General Grand Chapter of Royal Arch Masons International* (sediado nos EUA), fundou-se majestaticamente o Supremo Grande Capítulo

de Maçons do Real Arco do Brasil (SGCMRAB)¹³. Esta prestigiada outorga diplomática emancipou o Brasil, alçando o país à gloriosa condição de jurisdição soberana e perfeitamente regular perante a comunidade internacional para o labor e espraio do Arco Real no seu exato formato estrutural norte-americano³⁵.

Para lograr o preenchimento filosófico a que se propõe, a estrutura hierárquica completa do Rito de York Americano que foi introduzida na pátria verde e amarela (e que hoje opera de forma próspera e em harmonia federativa) foi fundamentalmente desenhada para solucionar as lacunas, preencher as vicissitudes filosóficas e revelar os mistérios ocultos que balizavam a inacabada jornada da lenda de Hiram Abiff do Mestre Maçom. A complexa teologia e sociologia dos graus desdobram-se magistralmente através da seguinte macro-disposição, perfeitamente encadeada e simétrica:

1. **Lojas Simbólicas (*Blue Lodges*):** Administrando os Graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom. Importa gizar que a restituição da pureza destes graus no Brasil (a reversão do longo sono induzido pelo GOB e o resgate da cartola na liderança da Loja) ocorreu de forma retumbante e definitiva num evento datado de 21 de maio de 2003, através do heroísmo institucional da Loja *Phoenix N° 30*, erigida na próspera cidade de Cacoal, e subordinada jurisdicionalmente à vanguardista Grande Loja Maçônica do Estado de Rondônia (GLOMARON)¹³.

2. **Maçonaria Capitular (Real Arco):** Magistralmente administrada a nível nacional por Grandes Capítulos (e localmente por Capítulos, liderados pelo cargo de Sumo Sacerdote). O arco capitular compreende quatro dramáticos

graus intimamente devotados a dissecar e expandir os meandros teológicos das lendas da edificação do Templo do Rei Salomão:

- *Mestre da Marca (Mark Master)*: Foco ético inquebrantável na justiça salarial, na regularidade do labor produtivo e na disciplina, sendo centrado na saga laboriosa de um singular operário Companheiro;
- *Past Master (Mestre Instalado Virtual)*: Trata-se de uma cerimónia litúrgica que veicula as duras lições atinentes à harmonia, e foi preservada pela tradição ianque em respeito ao antiquíssimo costume das Lojas Azuis que ditava, draconianamente, que apenas um Mestre já Instalado (Past Master) possuía o privilégio de se candidatar à exaltação no Arco Real;
- *Mui Excelente Mestre (Most Excellent Master)*: Foco dogmático na reverência, esmiuçando os deslumbrantes momentos do auge da civilização salomónica aquando da dedicação do Templo e a subsequente descida da glória de Jeová, o anfitrião cósmico, preenchendo o Sanctum Sanctorum;
- *Maçom do Real Arco (Royal Arch Mason)*: Representa o inquestionável cume do Mestrado e da lenda hiramítica. A saga centra-se nos destroços e nas escavações encetadas após o exílio na Babilónia, resultando inequivocamente na recuperação da indizível e inefável Palavra de Mestre que fora perdida e dissimulada²⁰.

3. **Maçonaria Críptica:** Esta formidável estrutura de consagração mística encontra-se meticulosamente governada por Conselhos (como o portentoso Conselho Críptico Luz do Atlântico Sul, cuja magna fundação ocorreu no ano 2000, pontificando o estado do Rio Grande do Sul no firmamento do Rito¹³). Os seus deslumbrantes rituais abandonam o ruído profano e retiram-se para as entranhas subterrâneas de uma arcaica cripta cavada secretamente sob os alicerces do Templo de Salomão em Jerusalém. Ali, repousa o cerne da narrativa sobre as precauções tomadas por Salomão e Hiram para o ocultamento preventivo dos sagrados "tesouros". Contempla o conferimento mandatário e indissociável dos graus de *Mestre Real* (*Royal Master*) e *Mestre Escolhido* (*Select Master*). Ostenta ainda o grau honorífico de *Super Excelente Mestre*, um epílogo cénico e apocalíptico deveras eloquente e vibrante, narrado nos instantes de queda, com passagens pelo patíbulo de Zedequias, os horrores da invasão caldaica e os rigores do tribunal impiedoso presidido por Nabucodonosor (ensino máximo da lição sobre a lealdade incorruptível e a catástrofe da perfídia)²⁰.

4. **Ordens Cavaleirescas (Comandarias de Templários):** A espiral superior do rito que governa e transfigura a progressão ética do adepto, sublinhando a mutação da lei do Talião para uma apurada e sacrificial ética baseada nas mais augustas tradições da cavalaria cristã cruzada. Compreende, num rito progressivamente paramilitar, as fileiras da Ordem da Cruz Vermelha, Ordem de Malta e Ordem dos Cavaleiros Templários¹³.

Esta majestosa arquitetura ritualística progressiva, ao retornar vigorosa aos vales e serras do Brasil, não logrou apenas restabelecer nomenclaturas apropriadas. Ela devolveu cabalmente à Maçonaria brasileira uma formidável dimensão teológica, esotérica, pragmática, ética e fortemente criptográfica que, até aquele preciso limiar histórico, constituía monopólio inegável das oficinas e concílios vinculados ao Rito Escocês Antigo e Aceito e ao Rito Adonhiramita. O avassalador sucesso, o rápido enraizamento e o frenético estabelecimento de dezenas de Capítulos e Conselhos por centenas de municípios pulverizados pelo país fomentou um recrudescer de interesse e fascínio avassalador pelo simbolismo americano puro nas bases das Lojas Simbólicas.

4.5. O Rito de York na Atualidade: Estatísticas, Capilaridade e o Protagonismo das Grandes Lojas Paranaenses

A exegese hermenêutica dos dados demográficos atesta que, volvida a era dos entraves, o Rito de York presenciou um crescimento sociológico verdadeiramente vertiginoso, aninhando-se calorosamente sob as abas de proteção das robustas confederações estaduais e independentes. Ao revés da sua efêmera passagem no Império, o Rito de York de nossos dias espalhou-se geometricamente mercê das virtudes da sua pragmática e célere ritualidade (altamente cadenciada por preleções instigantes) e pela pregação de uma moralidade clara. Este binómio atrai irresistivelmente uma nova geração de lideranças intelectuais e empresariais e coaduna-se perfeitamente com aqueles neófitos que renegam e se fatigam com o excesso de ornamentações cénicas pesadas típicas do REAA ou com a rígida inflexibilidade silente imposta pelo Ritual de Emulação⁶. Numa autêntica *Blue Lodge* praticante de York, as reverenciadas e bíblicas colunas "J" e "B" são expelidas do centro e

resguardadas fora dos umbrais do templo, as sumptuosas mesas dão lugar a pedestais quadrangulares e despojados de apetrechos barrocos, propiciando um clima marcial onde um mestre em traje espartano e negro se afirma como a célula máxima da congregação livre⁶.

Tornando mais nítida a amplitude do universo em que este Rito labuta, uma análise às estatísticas magnas da demografia fraterna revela a monumentalidade do Brasil: as potências regulares ativas hoje contabilizam exércitos de obreiros²⁷. O GOB (a despeito de praticar Emulação nas suas Lojas ditas "York") arrefece cerca de 75.987 membros e supervisiona assombrosas 2.526 Lojas²⁷. Em contraste agudo, as potências aliadas que abraçaram enfaticamente as Blue Lodges do autêntico sistema de Thomas Smith Webb — as Grandes Lojas coligadas à CMSB — ultrapassam já a expressiva barreira dos 106.112 membros filiados nas suas 2.623 Lojas; ladeadas por força similar, emergem os pujantes e confederados Grandes Orientes (COMAB) contabilizando as suas 28.942 espadas, o que assegura ao sistema americano uma base de filiação formidável e uma capilaridade impressionante que lhe permite chegar às mais recônditas paragens do interior geográfico nacional¹¹.

Deste vibrante tecido nacional, destaca-se superlativamente para os anais da história recente o profundo engajamento que o próspero e rico estado do Paraná tem manifestado face a este fenômeno de expansão sociológica fulgurante. Potências estruturais como a Grande Loja do Paraná (GLP), firmemente ancorada nos seus preceitos fundadores em 1941, e o incansável Grande Oriente do Paraná (GOP), transformaram-se conscientemente em verdadeiros polos irradiadores das prerrogativas do Rito³⁴. Um exaustivo e cartográfico mapeamento logístico e institucional das artérias

maçónicas daquele estado sulista desnuda a formidável aderência, pujança e entusiasmo presentes em Lojas sumamente ativas, de índole interiorana. A importante urbe regional de Paranavaí consubstancia um microcosmo modelar: a cidade hospeda hoje orgulhosamente quer Lojas que figuram como bastiões operando estritamente na vertente americana, quer congregações complexas e tolerantes que se desdobram por múltiplos rituais; de que são perfeitíssimos exemplos a prolífera Loja *Paranavaí N° 3647* (regularmente em labor profícuo desde as suas núpcias operárias em 2005), a perseverante *Aarão N° 127*, que amiúde cruza espadas nas amizades de ritos cruzados, e oficinas da altíssima relevância demográfica como as prestigiosas *Acácia do Norte* e *Luzes do Arenito N° 150*, as quais não raras vezes fomentam intensas e profícuas reuniões virtuais conjuntas ou simpósios de instrução esmerada e cruzamento litúrgico onde as filigranas da ritualística Yorkista são dissecadas com fervoroso brilhantismo²⁶.

Reforce-se, ainda e impreterivelmente, que o sucesso esmagador destas *Blue Lodges* da glória sulista assentou na argamassa da Região Litúrgica do Paraná (particularizando-se o fervoroso epicentro de Maringá), que fortaleceu, numa gesta épica e prodigiosa, a consolidação inquebrável dos Graus Filosóficos; sucederam-se sem tréguas as consagrações, das quais o memorável e efêmero germe do saudoso Capítulo Jerusalém fora prenúncio, e que desembocou modernamente em fortíssimos Capítulos (sob a égide de incansáveis promotores como as dinastias de Grão-Mestres a exemplo de Fernando Fernandes, Sidney Pinto e Cristian), cujo denodo logrou alavancar estrambolicamente o quórum qualificado de Maçons do Real Arco em abastadas e respeitáveis jurisdições que cobrem toda a amplitude administrativa da região sul do Brasil³⁷.

Os achados da pesquisa indicam e sedimentam insofismavelmente que se logrou operar uma colossal virada de paradigma sociológico nas malhas destas confrarias herméticas. As Lojas e obreiros não apenas emularam os modelos, mas subverteram a apatia ao aderirem de modo férreo ao sistema de Thomas S. Webb; mais ainda, viram este rito maravilhosamente chancelado, catapultado e indissociavelmente amplificado perante o mundo profano pela sinergia com formidáveis instituições apendiculares, paramilitares e excelsamente filantrópicas oriundas do norte (tais como a famosa *Shriners International*). Munidos da indumentária e do pendor caritativo destas ordens honoríficas, as vastíssimas hostes de obreiros que, usando com orgulho o característico *tarbush* (ou *fez*) escarlate, frequentam hoje impetuosamente e acorrem sequiosas às fileiras Yorkistas com um objetivo abnegado: recolher apoios ingentes em nome dos afamados e formidáveis hospitais infantis, promovendo assim uma simbiose sem paralelos e sem precedentes históricos na Maçonaria luso-brasileira, ao casarem o apuro da liturgia americana autêntica à monumental dimensão social benemerente⁴³. Consequentemente, infere-se destas constatações robustas e graníticas que, no breve e intenso decurso do último quarto de século, o autêntico Rito de York deixou, peremptória e inexoravelmente, de habitar a estéril marginalidade, abdicou definitivamente do esquecimento e galgou as fileiras centrais para, finalmente, ombrear perante a hegemonia gaulesa, esgrimindo hoje os seus próprios e formidáveis méritos, disputando em igualdade de condições a primazia pelo protagonismo inato na edificação ética e formação filosófica superior do Cidadão Maçom brasileiro que avança soberano pelas veredas do século XXI.

5. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formulação axiológica da presente pesquisa balizou-se num esforço acadêmico hercúleo: propôs-se a investigar e desenterrar, sob as camadas de séculos de sedimentação documental falha, as intrincadas e obscuras origens e a portentosa evolução histórica do Rito de York no seio da Maçonaria brasileira, com o intuito precípua de dirimir a monumental, embaraçosa e secular confusão terminológica e identitária a ele inexoravelmente associada, ao mesmo tempo que elucida a anatomia estrutural do seu mais pujante e deslumbrante ressurgimento na contemporaneidade. Uma exegese rigorosa e sistemática dos resultados demonstra de forma inapelável, factual e inequívoca que a magna empreitada se cumpriu escrupulosamente. Logrou-se patentear e expor a crueza do descolamento histórico entre as premissas singelas, mnemônicas e britânicas da Maçonaria de Ofício inglesa (traduzidas no estoico e minimalista Ritual de Emulação) e a exuberância litúrgica vertida no verdadeiro e genuíno Rito Americano (Rito de York), a estrutura que fora meticulosamente tecida por Thomas Smith Webb nos pródromos do longínquo ano de 1797.

Da dissecação da micro-história nacional constata-se irrefutavelmente que a primeira aparição física e a introdução inicial do Rito de York puro, despido de grilhetas, nos vales de um Brasil ainda imperial obedeceram a contornos sociológicos *sui generis*, emanando diretamente dos dramáticos fluxos migratórios e dos acidentes demográficos pós-Guerra Civil Americana (uma inusitada importação ideológica instigada pelo colapso confederado). Este fluxo imigratório eivado de peculiaridades consubstanciou-se de forma efêmera mas brilhante, cravando as suas efemérides nas crônicas de Lojas maçônicas tão inesquecíveis, audazes e pioneiras quanto a mitológica *Vesper*, abrigada no regaço acolhedor do GOU, ou a saudosa *Washington Lodge* nos prados agrícolas da pacata

Santa Bárbara d'Oeste durante a trepidante década de 1870. Infere-se, pela documentação apurada, que, num desígnio fatídico para a própria essência hermenêutica das correntes maçônicas lusófonas, o subsequente sequestro historiográfico, a supressão identitária cruel e a esbulhadora apropriação indevida e grosseira da referida nomenclatura ocorreu pura e simplesmente na alvorada do século XX, não resultando de um complô ou ardil programado mas consubstanciando as dramáticas consequências, quase trágico-cômicas, derivadas diretamente de erros burocráticos crassos; tratou-se de uma falha inadmissível de avaliação hermenêutica da tradução diplomática de "Craft" num vetusto e diplomático tratado entre um influente Grande Oriente do Brasil e o gigante inglês na magna efeméride de 1912. Este simples vocábulo perdido no limiar da diplomacia arrastou a referida potência — pilar central da história republicana maçônica do Brasil — a registrar, abençoar, patrocinar e, posteriormente, propagar tenazmente nos seus manuais o seu inexcusável, imaculado e perfeitamente legítimo labor de matriz inglesa, camuflando-o capciosamente e submetendo os seus crentes obreiros sob a tutela de uma titulação infeliz, espúria, alienada e flagrantemente imprópria e falsa, consagrando a heresia nominal do epíteto "Rito de York" na cultura brasileira.

Por conseguinte, as irrefutáveis análises documentais que preencheram esta investigação atestam — sem margem para escrúpulos dogmáticos — que a penosa e dolorosa expiação e o hiato constrangedor na prática da autêntica simbologia maçônica americana brasileira foi, num laivo de brilhantismo organizativo sem paralelo nos anais fraternidades, cabal e categoricamente superada através de uma colossal, ciclópica e monumental reconstrução da abóbada institucional durante o alucinante período da grande virada do ocaso século XX em trânsito para a glória do radiante amanhecer

que abriu o século XXI. As imponentes e profícuas chancelas transfronteiriças, cristalizadas na prodigiosa emissão burocrática de Cartas Constitutivas puras sob a inexpugnável autoridade do apanágio pátrio internacional *General Grand Chapter* e sob as espadas rutilantes das Comandarias, permitiram alicerçar formidavelmente e dar suporte inalienável à vertiginosa fixação do panteão liderado pelo Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil; tudo isto acoplado a um sinérgico, magistral, abnegado e tenaz labor estratégico que as coligações cúpulas das Grandes Lojas estaduais e dos Grandes Orientes desenvolveram na sua espinhosa malha federal, abençoadas sob os augúrios benévolos, por exemplo, da formidabilíssima e estonteante expansão verídica lavrada nas searas interioranas paranaenses. Toda esta soma de audazes passos redentores sacramentaram perentoriamente a formosa, incontornável e insofismável reinserção perpétua do robusto modelo americano puro de Webb sobre o seio das naus federativas e confederações tupiniquins nacionais.

O majestático e efervescente panorama que ressalta da atualidade não acalenta quaisquer pruridos hesitantes, e muito menos condescende dúvidas interpretativas. Hoje confirma-se orgulhosamente o Rito de York autêntico que labuta da planície amazônica aos pampas glaciais não mais como uma pitoresca anomalia dos primórdios da historiografia do GOB, muito menos estando confinado nos exóticos guetos bizarros de uma confusão léxica anômala num documento carcomido pelo tempo, mas posiciona o Rito na crista da onda evolutiva como uma estonteante e gigantesca potência magnética. Assume-se insofismavelmente como uma superestrutura formidável balizadora de toda a moderna estruturação da indissociável sociabilidade ética maçônica nacional profana. As opulentas e majestosas passagens cênicas, os seus

imponentes degraus dramáticos, as admiráveis progressões labirínticas capitulares, e os enigmáticos, lúgubres e crípticos corredores salomônicos da abóbada das criptas secretas culminadas nas marciais investidas cavaleirescas (fértéis cruzadas da Ordem Templária), oferecem hoje respostas palpáveis a indagações. Estes ritos preenchem soberanamente notórios e vastos hiatos morais, densos vácuos e estonteantes clivagens e angústias e carências filosóficas profundas na longa instrução pedagógica do homem moderno submetido às agruras do esquadro do século digital. Não estranha que no frenético labor o sistema atraia, irradie fascínio e angarie magnanimamente o ingresso apaixonado, deitando todos os anos na argamassa milhares e fraternas centenas de novos e sequiosos iluminados de intelecto vivo sob os augustos pendões alinhados com estrita deferência em robustos Orientes Independentes e formidáveis Grandes Lojas regulares unidas pela promessa de concórdia. Conclui-se exultantemente que tal avanço imparável desvenda inexoravelmente a formidável e fulgurante capacidade adaptativa e perene universalidade do panteão da Maçonaria moderna, clamando inequivocamente e afirmando categoricamente nos areópagos do saber acadêmico que, após mais de um longo, inglório, inóspito e amargo século suportando calado as vexatórias amarras sufocantes de uma densa neblina puramente discursiva ou perversamente conceitual semântica, o autêntico Rito de York libertou-se para sempre do seu sequestro espúrio e galgou a formidável glória que lhe compete; ele assumiu enfim, irreduzível e inexoravelmente, e assenhoreou-se soberanamente perante a ágora perita mundial e perante a academia o apanágio do seu resplandecente e indelével páfio magistral de superior protagonismo litúrgico sem mácula na forja do ethos imperecível da pulsante, vibrante e vigorosa sociedade brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MAÇONARIA E O RITO BRASILEIRO. Maçonaria e o Rito Brasileiro.pdf. SlideShare, [s. d.]. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/maonaria-e-o-rito-brasileiropdfpdf/253527824>. Acesso em: 13 out. 2026.
2. MONTEIRO, Rhadson Rezende. Maçonaria, direito e sociabilidades: uma breve história da Maçonaria Brasileira no século XIX. 2. ed. Aracaju: Livrorama/Evocati, 2019. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/741305239/Maconaria-Direito-e-Sociabilidades-Uma-breve-historia-da-Maconaria-Brasileira-no-seculo-XIX-Segunda-Edicao-2019>. Acesso em: 13 out. 2026.
3. CARVALHO, William Almeida de. Pequena História da Maçonaria no Brasil. REHMLAC: Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña, v. 2, n. 1, p. 30–58, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3268636.pdf>. Acesso em: 13 out. 2026.
4. O RITUAL DE EMULAÇÃO: história, simbolismo inglês e a distinção do Rito de York. Estudos Maçônicos, 2026. Disponível em: <https://estudosmaconicos.com.br/ritual-de-emulacao-historia-e-york/>. Acesso em: 13 out. 2026.
5. O CURIOSO CASO DO GRANDE CAPÍTULO DO RITO DE YORK (QUE NUNCA FUNCIONOU NO CITADO RITO). Maçonaria Tupiniquim, [s. d.]. Disponível em: <https://www.maconariatupiniquim.com.br/o-curioso-caso-do->

grande-capitulo-do-rito-de-york-que-nunca-funcionou-no-citado-rito/. Acesso em: 13 out. 2026.

6. HISTÓRIA DO RITO DE YORK. Brasil Maçom, [s. d.]. Disponível em:

<https://www.brasilmacom.com.br/historia-do-rito-de-york/>.

Acesso em: 13 out. 2026.

7. MADRUGA, Elder de Lucena. O Rito de York no Brasil: designação e história. Freemason.pt, 4 jun. 2025. Disponível em:

<https://www.freemason.pt/o-rito-de-york-no-brasil-designacao-e-historia/>. Acesso em: 13 out. 2026.

8. SILVA, Ana Rosa Cloclet da; SILVA, Leonardo Henrique de Souza. Anticlericalismo maçom no Brasil da segunda metade do século XIX: o debate entre a “imprensa ímpia” e a imprensa católica. REHMLAC+, v. 16, n. 2, 2024. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9783352.pdf>. Acesso em: 13 out. 2026.

9. MAGALHÃES, Paulo Maurício de Moraes. A história dos ritos maçônicos. [S. l.]: PDFCoffee, [s. d.]. Disponível em:

<https://pdfcoffee.com/a-historia-dos-ritos-maconicos-paulo-mauricio-de-moraes-magalh-pdf-free.html>. Acesso em: 13 out. 2026.

10. A CONSOLIDAÇÃO E A TRANSFORMAÇÃO DO MITO DA “CONSPIRAÇÃO” [título a confirmar no documento]. Dialnet, [s. d.]. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3679804.pdf>.

Acesso em: 13 out. 2026.

11. RITO DE YORK. Wikipédia: a enciclopédia livre. [S. l.], [s. d.]. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Rito_de_York. Acesso em: 13 out. 2026.
12. 10 RITO DE YORK NO BRASIL: Blue Lodges. Pavimento Mosaico, 25 jan. 2016. Disponível em:
<https://pavimentomosaico.wordpress.com/2016/01/25/o-rito-de-york-no-brasil-blue-lodges/>. Acesso em: 13 out. 2026.
13. INTRODUÇÃO AO RITO DE YORK. UniCMSB, [s. d.]. Disponível em:
<https://www.scribd.com/document/773125309/INTRODUCAO-AO-RITO-DE-YORK-UniCMSB>. Acesso em: 13 out. 2026.
14. RITOS MAÇÔNICOS. Agenda Maçônica Brasil, [s. d.]. Disponível em:
<https://agendamaconicabrasil.com.br/midias/trabalhos-maconicos/Aprendiz/ritos-maconicos.pdf>. Acesso em: 13 out. 2026.
15. A MAÇONARIA DO REAL ARCO ANTES DA UNIÃO DE 1813: o 4º grau dos Antigos. O Prumo de Hiram, [s. d.]. Disponível em:
<https://www.oprumodehiram.com.br/a-maconaria-do-real-arco-antes-da-uniao-de-1813-o-4o-grau-dos-antigos/>. Acesso em: 13 out. 2026.
16. O RITO DE YORK. Maçonaria, Loja Maçônica e Maçom, jul. 2015. Disponível em:
<http://mictmr.blogspot.com/2015/07/o-rito-de-york.html>. Acesso em: 13 out. 2026.

17. CAPÍTULO THOUSANDS SMILES Nº 83. Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, [s. d.]. Disponível em:

<https://www.thousandssmiles.com.br/>. Acesso em: 13 out. 2026.

18. CONJUNTO COBRIDOR RITO YORK AMERICANO. Horus Alfaia, [s. d.]. Disponível em:

<https://www.horusalfaia.com.br/conjunto-cobridor-rito-york-americano>. Acesso em: 13 out. 2026.

19. HISTÓRIA DO RITO DE YORK. ARLS Doze Apóstolos, GOB, [s. d.]. Disponível em:

<https://dozeapostolos.com.br/historia-do-rito-de-york/>. Acesso em: 13 out. 2026.

20. YORK: altos graus. Rede Colmeia, [s. d.]. Disponível em:

<https://redecolmeia.com.br/altos-graus-york/>. Acesso em: 13 out. 2026.

21. THE CURIOUS CASE OF THE GRAND CHAPTER OF THE YORK RITE (THAT NEVER WORKED IN SAID RITE). Maçonaria Tupiniquim, [s. d.]. Disponível em:

<https://www.maconariatupiniquim.com.br/the-curious-case-of-the-great-chapter-of-the-york-rite-that-never-worked-in-said-rite/>. Acesso em: 13 out. 2026.

22. JUK, Pedro. S!. S!. S!. In: WINETZKI, Michael. Michael Winetzki, maio 2023. Disponível em:

<https://www.michaelwinetzki.com.br/2023/05/s-s-s-pedro-juk.html>. Acesso em: 13 out. 2026.

23. A ENCRUZILHADA DE GÊNERO E MAÇONARIA: uma introdução. Bibliot3ca, [s. d.]. Disponível em: <https://bibliot3ca.com/a-encruzilhada-de-genero-e-maconaria-uma-introducao/>. Acesso em: 13 out. 2026.
24. CAMARGO, Felipe Côrte Real de. “Protect the integrity”: regularidade no discurso das relações maçônicas internacionais entre Brasil e Inglaterra (1880–2000). REHMLAC, v. 8, n. 1, p. 130–150, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3695/369545832007/html/>. Acesso em: 13 out. 2026.
25. YORK. Rede Colmeia, [s. d.]. Disponível em: <https://redecolmeia.com.br/york/>. Acesso em: 13 out. 2026.
26. RELAÇÃO DE LOJAS DO SUL. ARLS Cavaleiros da Harmonia nº 59, [s. d.]. Disponível em: <https://arlscavalheirosdaharmonia59.webnode.page/noticias/re-la%C3%A7%C3%A3o-de-lojas-do-sul/>. Acesso em: 13 out. 2026.
27. MAÇONARIA BRASILEIRA EM NÚMEROS. No Esquadro, [s. d.]. Disponível em: <https://noesquadro.com.br/maconaria-brasileira-em-numeros/>. Acesso em: 13 out. 2026.
28. GRANDE ORIENTE DO BRASIL – PARANÁ. Publicação sobre a fundação da Loja Maçônica Paranavaí nº 3647. Facebook, [s. d.]. Disponível em: <https://www.facebook.com/grandeorientedobrasilparana/photos/a-loja-ma%C3%A7%C3%B4nica-paranava%C3%AD-n%C2%BA-3647-foi-fundada-em-21-de-mar%C3%A7o-de-2005-na-cidade-d/1579384502222670/>. Acesso em: 13 out. 2026.

29. LUZES DO ARENITO. Luzes do Arenito, [s. d.]. Disponível em:
<https://www.luzesdoarenito.com.br/>. Acesso em: 13 out. 2026.
30. RITO YORK NO BRASIL. PDFCoffee, [s. d.]. Disponível em:
<https://pdfcoffee.com/269387010-rito-york-no-brasil-pdf-free.html>. Acesso em: 13 out. 2026.
31. GRANDE ORIENTE DO PARANÁ. Lojas filiadas: ritos. GOP, [s. d.]. Disponível em:
<https://mail.gop.org.br/lojas-filiadas>. Acesso em: 13 out. 2026.
32. ORIGEM DO RITO YORK. Loja Fidelitas, [s. d.]. Disponível em:
<https://www.lojafidelitas.com.br/maconaria/o-rito-york/origem-do-rito-york/>. Acesso em: 13 out. 2026.
33. RITO DE YORK E BLUE LODGES NO BRASIL. Scribd, [s. d.]. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/document/365891277/Rito-de-York-No-Brasil>. Acesso em: 13 out. 2026.
34. FATOS HISTÓRICOS. ARLSNRU, [s. d.]. Disponível em:
<https://www.nacionalrepublicana.com.br/fatos-historicos>. Acesso em: 13 out. 2026.
35. ROYAL ARCH IN RIO – 2006. Grande Capítulo de Maçons do Real Arco do Brasil, 2006. Disponível em:
<https://site.realarco.org.br/segunda-trienal/>. Acesso em: 13 out. 2026.
36. HISTÓRIA DA MAÇONARIA E ORIGEM DO RITO DE YORK. Clube de Autores, [s. d.]. Disponível em:

<https://clubedeautores.com.br/livro/historia-da-maconaria-e-origem-do-ritode-york>. Acesso em: 13 out. 2026.

37. GRANDE LOJA DO PARANÁ. Links úteis: recursos maçônicos e sites relevantes. [S. l.], [s. d.]. Disponível em:

<https://www.grandelojadoparana.org.br/links-uteis/>. Acesso em: 13 out. 2026.

38. ARLS REX DEUS Nº 4504. Reunião virtual conjunta de instrução ritualística com foco no Rito de York. GOB-RO, [s. d.]. Disponível em:

<https://gobro.org.br/reuniao-virtual-conjunta-de-instrucao-ritualista-com-focono-rito-de-york-arl-rex-deus-n-4504-gob-ro-e-gob-poder-central/>. Acesso em: 13 out. 2026.

39. FALECEU EM CURITIBA O PAST GRÃO-MESTRE SIDNEY PINTO. Grande Loja do Paraná, ago. 2017. Disponível em:

<https://glp.org.br/site/2017/08/faleceu-em-curitiba-o-past-grao-mestre-sidney-pinto/>. Acesso em: 13 out. 2026.

40. SIDNEY PINTO. Grande Loja do Paraná, [s. d.]. Disponível em:

<https://www.grandelojadoparana.org.br/sidney-pinto/>. Acesso em: 13 out. 2026.

41. GRANDE ORIENTE DA BAHIA (GOBA). Página institucional. [S. l.], [s. d.]. Disponível em:

<https://goba.org.br/default.aspx?Intervalo=38>. Acesso em: 13 out. 2026.

42. ENTREVISTA COM FERNANDO FERNANDES, CANDIDATO A GRÃO-MESTRE. Rede Colmeia, 19 fev. 2022. Disponível em:

<https://redecolmeia.com.br/2022/02/19/entrevista-com-fernando-fernandes-dogop/>. Acesso em: 13 out. 2026.

43. Shriners: História, Simbolismo, Maçonaria e a Filantropia que Transformou a Saúde Infantil. Estudos Maçônicos, [s. d.]. Disponível em: <https://estudosmaconicos.com.br/shriners-maconaria/>. Acesso em: 13 out. 2026.